

“ O T E M P O ”

WALMIR AYALA

“ O primeiro poeta de que falaremos hoje tem três livros publicados, vive no Rio Grande do Sul, não tem nome nacional, no entanto, vai tecendo uma das poesias mais tensas, verticais, vibrantes, e lúcidas do nosso hoje poético. Seu nome, Carlos Nejar; seu livro. Livro do Tempo (edição particular). O tempo é como um prego sôbre o qual o poeta martela sem consumir sua medida. A teimosia poética — expressão que sublimaríamos desenhando a forma dêste exercício de vigília, atinge em Carlos Nejar um rasgo de claridade. Seu poema, pensa com a fôrça de um dínamo, e sem se voltar para as coisas, sonda o nervo íntimo da angústia. O que somos no tempo? O que é o tempo em nós? Num poema êle volta ao tema do mar, depois repetido em relances que são como acordos nos momentos certos, e o mar, relacionado ao tempo, tem para êle uma nova figura: “O mar é um boi guinchado / desterrado no mar / é um surdo boi guinchado / cava cavando o ar / cavando o sol no fundo / fica o cavalo sol / desencontrado sempre e sempre a procurar / fulge o cavalo sol / a pascer junto ao mar”.

A coisa, o objeto, sendo uma ação de si mesmo para si mesmo. O tempo como a fôrça que move esta inútil metamorfose que não leva a nenhuma saída, e o jôgo de palavras que se atraem através de seus elementos sonoros, e que exorbitam dessa simples atração, criando relações novas e procedentes dentro do âmbito da fábula. Há um prazer do pensamento se infiltrando de sua própria pele em Carlos Nejar. Como um mago em seu severo laboratório êle atravessa tôdas as carnes da idéia, movido pelo tempo e amestrado pela palavra. A par de cavar o poeta compõe sua liturgia: “O tempo roda gira / gira girando o tempo / pesa no ombro o tempo / tritura o tempo e gira / recebe a morte o tempo / tritura o homem dentro / sol que se desfibra / gira girando o tempo / gira girando”.

O símbolo giratório é bem a figuração de uma realidade na qual estamos e que passa, não se deixando dominar, no entanto pesando sôbre a nossa consciência. É verdade que giramos juntos, mas giramos por efeito, padecemos da rotação universal. Sentimos o que gira e não vemos o que gira. Estamos sempre de costas para a verdade dêste movimento eterno. E nossa consciência dêle é o momento de dor de nossa eternidade.

Carlos Nejar prefere o verso breve. A maneira de certos discursivos que têm um exemplo já clássico em Cabral de Mello Neto, seu verso toca o objeto e o traduz com brevidade científica. Sem perder, por isso, o mistério da poesia, agregado às palavras carregadas de sentido, mais do que sabidos signos de uma cintilação interior que expulsou os fantasmas e instaurou as formas novas:

"Tu te construístes
mestre de equipagem
sem paixão ao leme

tu te construístes
no marulho cego
cego marinheiro

tu te construístes
onde as vozes vagam
sem misturamento

tu te construístes
movimento praia
sem retorno
tempo".